

ÁLBUM DE FAMÍLIA

PAMELA ZORN VIANNA

Minha prática artística é muito ligada ao fazer manual do desenho e da pintura. Me conectar com a materialidade, perceber as características físicas dos materiais utilizados e a forma como eles se modificam durante o processo é algo que me move enquanto artista. Dessa forma, produzir a série “Álbum de família” – que diverge, em certo ponto, do que eu geralmente faço, tanto em resultado quanto em procedimentos – foi uma surpresa para mim. E o fato de essa série representar questões tão íntimas e complexas, e ao mesmo tempo tão queridas por mim, é o que me faz querer apresentar parte dela agora.

Há algum tempo eu venho refletindo sobre minhas vivências enquanto mulher negra no meio universitário de Porto Alegre, vinda do interior do Rio Grande do Sul, da cidade de Três Coroas, região extremamente branca. Tento, em meio a tantos outros, compreender o meu lugar na sociedade e no mundo hoje, e percebo que esse processo tem se refletido e também se transformado pelo fazer artístico. Tenho tentado me reconstruir a partir do desenho e da pintura – o resgate de subjetividades, de uma infância, de um passado que hoje se entende como memória. Passado, este, marcado por conflitos e relações raciais implícitas e explícitas, e também por sucessivas buscas por conexão e autoconhecimento.



Acredito que o processo de se autodescobrir é complicado para todo ser humano. Entretanto, já fui lida e chamada por muitos nomes — às vezes, na tentativa de uma “salvação”, e às vezes mesmo em tom acusatório — , o que sempre dificultou na hora de construir uma consciência racial. “Mulata” era como eu me entendia. “Moreninha”, “Escurinha”, “Cor de Cuiá”, cresci em meio a tantos e tantos rodeios e diminutivos de mim mesma, ou do que eu “deveria ser”. Hoje compreendo que essa é a história de muitas pessoas nesse país, e sobretudo no contexto da região sul do Brasil, onde as gradações de cor determinam as marcas físicas e emocionais que carregamos.

Em meio a essas reflexões, passei a coletar fotos da minha família — uma família profundamente marcada pela interracialidade, sendo, de um lado, majoritariamente negra, e, do outro, branca com ascendência alemã. Passava longas horas folheando antigos álbuns. Rememorar momentos passados e torná-los presentes – até mesmo momentos anteriores à minha existência. Conhecer, por imagem, bisavós, tios e tias distantes no tempo, ou mesmo conhecer meus pais quando jovens. Certo dia, passei a tentar reter essas fotografias em desenho, modificá-las pela linha e pela marcação de cor. Testei diferentes transposições por cima das fotos, uma vez que eu buscava, com o desenho, capturar uma essência das lembranças e das figuras, quase como se estivesse “capturando seus fantasmas”. Utilizei como suporte o papel pólen, e o tom quente e amarelado do papel, sua textura e peso, também me remetiam à ideia de memória.

A partir das linhas vermelhas e verdes do lápis de cor, tão conflitantes em sua relação de complementaridade, eu construí essas figuras tão familiares para mim, que se tornaram ao mesmo tempo distintas – quase irreconhecíveis. A autorrepresentação, o retrato do que é particular, passa a se tornar também algo estranho, sem rosto, que vai além das noções do “eu”. Passei a me questionar sobre quem eram essas pessoas nos desenhos. Quem poderiam ser? Onde poderiam estar? Quantas (outras) famílias brasileiras poderiam representar? Todas as figuras foram propositalmente retiradas do seu contexto original, envoltas pelo branco não tão branco do papel. Cada um desses pequenos desenhos da série, que hoje soma vinte e dois trabalhos, fala sobre a busca por uma identidade que já nasce em território ambíguo, que, sob uma perspectiva histórica, foi outrora mera ferramenta para instaurar a branquitude em solo brasileiro, através da mestiçagem e do projeto de embranquecimento em fins do século XIX. A partir dessa série, penso no quanto as relações afetivas que construímos ainda hoje são marcadas pela raça, e até onde essas relações não marcam também a nossa noção de identidade individual e coletiva.

